

UMA ABORDAGEM SOBRE O CAPITALISMO E SUA INFLUÊNCIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

AN APPROACH ON CAPITALISM AND ITS INFLUENCE ON CURRENT SOCIAL RELATIONS

Márcia Oliveira ALVES¹
Marília Vilardi MAZETO²

RESUMO: Este trabalho reflete sobre o desenvolvimento do capitalismo e traz à baila as questões apresentadas no filme “Filhos do Paraíso”, a respeito das mazelas desse sistema econômico. Constrói uma tentativa de unificar teorias emanadas da prática, dentro da uma visão sociológica. Em primeiro lugar é fundamental apresentaremos a histórica do capitalismo e sua influência nas relações sociais, para, depois, analisarmos o filme. O objetivo é a busca de subsídios que contribuam para o entendimento das questões da estrutura de poder do capitalismo.
UNITERMOS: Capitalismo; Estrutura de Poder; Relações Sociais

ABSTRACT: This paper reflects about the capitalism development and brings to surface issues presented on the film “Filhos do Paraíso”, about the wounds of this economical system. It tries to unify theories from praxis within a sociological view. Firstly it’s fundamental to present a history of the capitalism and its influence on social relations and then, analyze the movie. The aim is to seek subsidies that contributed to the understanding of questions on the structures of capitalism power.
UNITERMS: capitalism; power structure; social relations.

1 Assistente Social, docente e coordenadora do Curso de Serviço Social da UNIMAR.

2 Assistente Social e advogada, docente do Curso de Serviço Social e do Direito da UNIMAR.

1. Capitalismo e sua influência nas relações sociais

O século XIX é marcado pelo grande desenvolvimento do capitalismo e por mudanças significativas no mundo. O desenvolvimento da sociedade burguesa dará origem a uma série de alterações econômicas e sociais que de longa data encontravam-se latentes na Europa, seja nos campos da ciência e da tecnologia, seja na organização política, no trabalho, nas formas de propriedade da terra, na distribuição do poder e da riqueza entre as classes.

É preciso, em primeiro lugar, saber que nesse redemoinho de contradições sociais, econômicas e políticas cria-se as bases para o surgimento de mudanças radicais das relações sociais. Segundo Netto e Braz (2006), essas mudanças ocorrem por meio do domínio de uma minoria de proprietários dos bens que lutam para escravizar e explorar homens, e que com isso passam a controlar a economia e se enriquecer.

Esses proprietários, na idade moderna, se denominaram a classe burguesa – detentora dos meios de produção – que passa a contestar o poder do rei, e provoca a crise do sistema absolutista. Com as revoluções burguesas, com a Revolução Francesa e a Revolução Inglesa, estava garantido o triunfo do capitalismo¹.

Para melhor compreender esse triunfo, é necessário conhecer, embora sem um maior aprofundamento, pois não é o cerne do trabalho, a história do capitalismo.

1.1 Algumas categorias do capitalismo

O capitalismo tem seu início na Europa. Suas características aparecem desde a baixa idade média (do século XI ao XV) com a transferência do centro da vida econômica social e política dos

¹ (Maurice Dobb na obra *Capitalismo, ontem e hoje*, 1977, afirma que o capitalismo é um sistema em que os utensílios e as ferramentas, edifícios e matérias-primas com que é obtida a produção – capital, numa palavra - são predominantemente de propriedade privada ou individual).

feudos para a cidade. O continente passava por uma grave crise decorrente da catástrofe demográfica causada pela fome e pela Peste Negra, que, vinda da Ásia em 1348, dizimou 40% da população. Isso vai erodir o regime feudal, que parecera tão estável entre os séculos XI e XIV (NETTO; BRAZ, 2006).

Nos séculos XV e XVII, e nos três seguintes, vê-se, constituir *uma época de revolução social*. Inicia-se com os grupos mercantis tornando-se figuras centrais na economia formando uma classe social. Essa classe, já fortemente constituída, constrói a sua hegemonia político-cultural, domina também as idéias e cria um campo de batalhas decisivo para enterrar o *Antigo Regime* e fazer triunfar o *Estado burguês*.

Esse *Estado*, segundo Netto e Braz, (2006) coloca a seu serviço aqueles “órgãos onipotentes” de que falava Marx (o exército, a polícia, a burocracia). Assim, a nova classe dominante articulou a superestrutura necessária para o desenvolvimento das novas forças produtivas e criação das melhores condições para a concretização histórica do modo de produção capitalista.

Os autores acima citados afirmam que no interior desse modo de produção, gestado no ventre do feudalismo, a produção generalizada de mercadorias ocupa o centro da vida econômica. Para Marx, esse modo de produção é a forma celular da economia.

Com esse modo de produção a burguesia assume o controle econômico e político. Assim, as sociedades vão superando os tradicionais critérios da aristocracia, principalmente o privilégio que o nascimento e a força do capitalismo se impõe.

1.2 O capitalismo e sua forma de produção alienante

O capitalismo foi interpretado, com divergências substanciais quanto a suas origens e suas influências para a sociedade.

Para Marx, o capitalismo é fundamentalmente causado por condições históricas e econômicas, determinado pelo modo de produção, cujos meios estão nas mãos dos capitalistas, os quais consti-

tuem uma classe distinta da sociedade, formando uma estrutura de poderes e de ingerência em todas as relações sociais.

A propriedade privada, a divisão social do trabalho e a troca de mercadorias são características fundamentais da sociedade produtora. À produção de mercadorias dedicam-se os homens independentes, que possuem a força de trabalho, os meios de produção.

A divisão social do trabalho é outra condição prévia característica de uma sociedade capitalista. Na sociedade, onde está inserido, o sujeito que não possui todas as profissões necessárias para satisfazer as necessidades básicas (de alimentação, de vestuário, de habitação, de meios de produção etc.). Uma vez que ele possui apenas uma profissão, só consegue subsistir se puder simultaneamente adquirir os produtos do trabalho de outrem.

Cada pessoa, nessa sociedade possui uma profissão particular, todos dependem uns dos outros. Isso decorre da divisão do trabalho no seio da produção mercantil: “A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma imensa coleção de mercadorias, e a mercadoria individual como forma elementar” (MARX, 1980, I, p. 45).

Os produtos dos diferentes trabalhos privados têm de ser, na sociedade capitalista, trocados. A troca é condição necessária para a subsistência. O produto a ser trocado, resultado do trabalho, denomina-se mercadoria. Assim, um produto do trabalho só se torna mercadoria num quadro de condições sociais em que imperem a propriedade privada, a divisão social do trabalho e a troca.

A mercadoria é, em primeiro lugar, um objeto útil, isto é, satisfaz determinada necessidade humana. Tem para nós uma utilidade e, nesse sentido, possui um valor de uso. A mercadoria vale na medida em que podemos usá-la, mas o objeto útil (seda, ouro, tecido, ferro etc) não poderia ser usado, e, portanto, não teria um valor de uso, se não possuísse as propriedades sensíveis ou materiais. Ao mesmo tempo, o valor de uso só existe potencialmente nas propriedades materiais e “toma corpo” ou existe efetivamente quando o objeto é usado.

Para que um objeto tenha um valor de uso, Vázquez (2003) afirma que “[...] exige-se simplesmente que satisfaça uma necessidade humana, independentemente do fato de ser natural (ar, terra virgem, pradarias naturais etc.) ou produto do trabalho humano”.

Quando esses produtos se destinam não só a ser usados, mas, antes de tudo, a ser trocados, transformam-se em mercadorias e, adquirem um duplo valor: de uso e de troca.

O valor de troca é o valor adquirido pelo produto do trabalho humano ao ser comparado com outros produtos. O valor de troca da mercadoria é indiferente ao seu valor de uso; ou seja, é independente de sua capacidade de satisfazer uma necessidade humana determinada.

Enquanto o valor de uso põe o objeto numa relação clara e direta com o homem (com a necessidade humana que vem satisfazer), o valor de troca aparece superficialmente como uma propriedade das coisas, sem relação alguma com ele. O valor de troca, como o valor de uso, não é uma propriedade do objeto em si, mas do objeto como produto do trabalho humano.

O que acontece é que, numa sociedade na qual se produz para o mercado e se comparam os produtos fazendo abstração das suas propriedades úteis, bem como do trabalho concreto que encarnam sua significação humana e social se oculta. Por causa disso, o valor de troca se apresenta sem relação com o homem, como propriedade da coisa. Assim, a mercadoria assume o aspecto de uma coisa estranha, alheia ao homem, embora seja a expressão ou materialização de uma relação social, humana.

O produto do trabalho humano se transforma em fetiche e essa transformação de um produto do trabalho humano alheio ao homem, estranho e enigmático, no momento em que assume a forma de mercadoria, é chamada por Marx de “fetichismo da mercadoria. Portanto, a mercadoria é uma unidade que sintetiza valor de uso e valor de troca.

Historicamente, segundo Netto e Braz (2006), a produção mercantil é um fruto tardio do processo de constituição da sociedade humana. Suas primeiras formas surgem quando a comunidade primitiva se desintegrou no modo de produção feudal. Esse segmento cresceu significativamente, em especial a partir do século XIII. Po-

rém, o feudalismo não pode ser considerado, bem como o escravismo, modo de produção de mercadorias. Apenas o modo de produção capitalista se caracteriza como um modo de produção de mercadorias.

1.3 O fetichismo da mercadoria

Em uma sociedade capitalista, para que haja a produção mercantil, é necessária ampla divisão do trabalho: vários ramos de produção e, na composição de uma só mercadoria. Em suma, há grande dependência mútua entre todos os produtores.

Isso significa que o trabalho de cada um deles, chamado por Netto & Braz (2006) de “trabalho privado”, é parte do conjunto do trabalho da sociedade. Por isso, o seu trabalho, parte do trabalho social, aparece essencialmente como trabalho privado.

No mercado, o produtor se confronta com o caráter social do seu trabalho. Sua dependência em face dos outros produtores lhe aparece no momento da compra-venda das mercadorias, ou seja, as relações sociais dos produtos aparecem como fossem relações entre as mercadorias, como se fossem relações entre coisas. Portanto, a mercadoria passa a ser vista e sentida como expressão das relações humanas.

Na medida em que a troca mercantil é regulada por uma lei que não resulta do controle consciente do seres humanos sobre a produção (a lei do valor), na medida em que o movimento das mercadorias se apresenta independentemente da vontade de cada produtor, opera-se uma inversão: a mercadoria, criada pelos seres humanos, aparece como algo que lhes é alheio e os domina; *a criatura* revela um poder que passa a subordinar *o criador*.

O desenvolvimento desse movimento determinou as relações de exploração do homem pelo homem, aparecendo como relações entre coisas. As questões que se referem às relações sociais são transferidas às mercadorias: a mercadoria

[...] reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos do trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também refletem a rela-

ção social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. [...] Assim, [...] determinada relação social entre os próprios homens [...] assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. (MARX, 1980 I, 1, p.71)

No modo da produção capitalista o fetichismo alcança a sua máxima gradação: nas sociedades em que esse modo de produção impera, as relações sociais tomam aparência de relações entre coisas.

Neste momento é necessário examinar. Marx analisa a mercadoria com as suas duas funções, a de valor de uso e a de valor de troca. Esses fenômenos transcendem o marco histórico e mental de Marx, principalmente o surgimento do imperialismo econômico, que excedeu as possibilidades de suas investigações.

A explicação alternativa foi apresentada por Weber e enfatiza aspectos culturais que permitiram a expansão do capitalismo.

Para ele, o desejo de acúmulo de riquezas sempre existiu nas sociedades humanas, como no Império Romano ou durante as grandes navegações, mas até meados do século XVII faltavam condições sociais que justificassem a sua perseguição ininterrupta.

Para demonstrar isso, ele aponta as amplamente conhecidas condenações feitas pela Igreja Católica às práticas da usura e do lucro pelos comerciantes ao longo do século XV e XVI.

Contrapondo-se à concepção cristã medieval preservada pelo catolicismo, que exigia como requisito fundamental o desprendimento dos bens materiais deste mundo, o protestantismo valorizava o trabalho profissional como meio de salvação do homem. Se restrições contra o lucro fossem mantidas pelo catolicismo, a chamada “acumulação primitiva” não teria sido possível. A mudança ocorre com a reforma religiosa promovida por Lutero e, principalmente, Calvino. Segundo eles, a atividade profissional estaria associada a um dom ou vocação divina, e, portanto seria da vontade de Deus que elas fossem exercidas.

Assim, o trabalho, antes visto como um mal necessário, passa a ter uma valorização positiva. Mais que isso, Calvino aponta o trabalho como a única forma de salvação, e a criação de riquezas pelo

trabalho como um sinal de predestinação. Entretanto, segundo a pregação calvinista, o homem deve combater sua tendência ao prazer e ao gozo, privando-se de tudo que não seja estritamente necessários para a sua subsistência ou para que possa levar um estilo de vida digno e seguro. Condena, particularmente, tudo aquilo que implique desperdício ou esbanjamento. Também prega que a riqueza criada deve ser reinvestida, deve servir de estímulo para que sejam criadas novas formas de trabalho.

Esses dogmas religiosos, juntamente com outros menores como a contabilidade diária do tempo, de maneira que o homem não desperdice um minuto sequer de seu tempo, porque a duração da vida é infinitamente breve e preciosa formam o fundamento de uma ética, isto é, de um conjunto de normas que rege a conduta diária do fiel.

Essas normas, ao se encaixarem nas exigências administrativas da empresa (valorização do trabalho e busca do lucro), criam as condições necessárias para a expansão da mentalidade (ou do “espírito”, como o denomina Weber) capitalista e posteriormente da sociedade industrial.

Essa mentalidade configurou a tipologia do empresário moderno, do homem com “iniciativa”, que acumula capital não para seu próprio desfrute, mais sim para criar mais riqueza, conseguindo, por meio dela, o enriquecimento da nação e do bem-estar geral. Assim é que as atuais noções de “negócio”, de “empresas”, de “profissão”, de “ofício” estão delineadas a base nessa ética protestante, preferencialmente calvinista.

Segundo a interpretação de Weber (1989), o objetivo do capitalismo é sempre e em todo lugar, aumentar a riqueza alcançada, aumentar o capital. Esse processo de enriquecimento constitui uma indicação segura de que se está “predestinado”. E nesse ponto que é possível observar, de acordo com a concepção de Weber, as estreitas relações entre as aspirações religiosas do calvinismo e as aspirações mundanas do capitalismo. Essa explicação demonstra sua consistência quando observamos o elevado estágio de desenvolvimento econômico das sociedades que abrigaram representantes da Reforma (calvinistas, metodistas, anglicanos): a Alemanha - berço da Reforma -, a Inglaterra pátria do Anglicanismo, os Estados Unidos desti-

no de milhares de protestantes expulsos da Irlanda católica e outros tantos imigrantes anglicanos ingleses, e os Países Baixos.

2. O filme “Filhos do Paraíso”

Após a apresentação do desenvolvimento do capitalismo, este artigo propõe-se a uma análise comparativa do filme “Filhos do Paraíso”, produção de S. Sayedzgelih e roteiro de Majid Majid, com o objetivo de traçar um paralelo entre a teoria capitalista e a realidade social.

O filme tem como elemento central **a pobreza** expressa, num primeiro momento, pela perda de um sapato infantil feminino, em cuja recuperação dois irmãos se empenham. Também mostra as conseqüências vividas pelos irmãos. A trama ocorre num povoado da Índia, marcado por extrema pobreza e mostra as precárias condições de moradia, trabalho, exploração e humilhação daqueles que não conseguem o mínimo para sobreviver, principalmente mulheres e crianças.

A obra ocorre em mostrar o cotidiano dos dois irmãos - um menino e uma menina - que precisam dividir o mesmo tênis para ir à escola. O tênis em questão é masculino e pertence ao que foi responsável pela perda do sapato feminino. No dia-a-dia, além das atividades na escola, que ocorrem em horários alternados, os dois fazem várias atividades para ajudar o pai, que trabalha o dia todo e a mãe, doente, além de um irmão bebê, o qual chora durante todo o filme e que deve ser cuidado.

No decorrer do filme, várias questões são apresentadas por causa da perda do sapato. Portanto, para melhor explicarmos a situação expomos a seguir algumas cenas de “Filhos do Paraíso”, acompanhadas de comentários para dar clareza à nossa discussão.

- **autoridade e tortura psicológica**, realizada pelo pai, quando ele reprime o filho que foi desobediente e irresponsável por não ajudar a mãe a lavar roupas. O filho não consegue se defender, pois não pode dizer que passara a tarde procurando o sapato perdido.



Fonte: Filme: “Filhos do Paraíso”

- **repressão** do diretor da escola pelos atrasos na chegada às aulas, situação provocada por precisar aguardar a irmã para usar o mesmo tênis. Nessas abordagens não é dada ao menino a oportunidade de explicar as causas de seus atrasos, pois a todo momento é acusado de irresponsável e preguiçoso;



Fonte: Filme: “Filhos do paraíso”

- **violência doméstica** expressa na cobrança da irmã que ameaça o irmão a cada momento por ter problemas pela falta de seu sapato. Em muitas oportunidades ameaça contar tudo ao pai, que certamente irá bater nos dois;



Fonte: Filme “Filhos do Paraíso”

- **falta de oportunidade de trabalho** expressa na luta do menino para conseguir trabalho para o pai, como jardineiro, com o intuito de colaborar na compra de outro sapato para a irmã, cuja aquisição acontece depois de muita insistência.



Fonte: Filme “Filhos do Paraíso”

- **ausência da voz** demonstrada em todo o filme e principalmente na última tentativa de conseguir o sapato, o que acontece com a chance de competir em uma corrida que terá como prêmio, para o terceiro lugar, um tênis. Depois de muita luta para conseguir competir e vencer, o menino acaba chegando em primeiro. Essa colocação não lhe dá a premiação de um tênis e isso traz grande tristeza ao menino e também incompreensão e a frustração da irmã. Por fim, eles não conseguem o tão sonhado sapato.



Fonte: Filhos do Paraíso”

- “A **coisificação** das relações sociais e a transformação da riqueza humana, ou seja, do produto material e espiritual da práxis, em objetos estranhos e dotados de uma vida própria, que aparecem aos homens como um “poder” que os domina. Propiciam que os valores tomem a forma de coisas que valem independentemente da atividade humana”(MARX , 1980).



Fonte: Filme “Filhos do Paraíso”

Diante do exposto, pode-se afirmar que é necessário enfrentar a situação de miséria em que se encontram os moradores das periferias. A luta pelo acesso aos direitos sociais exige constitui tarefa dos profissionais da área social, trabalhadores e organizações que se destinam a luta pela emancipação humana.

Considerações finais

O estudo ao abordar a discussão do trabalho como fundante do ser social, nos trouxe características necessárias para entendermos historicamente a dinâmica da sociedade capitalista, cujo objetivo é de acumulação de riqueza da classe dominante.

Historicamente, a produção mercantil é um fruto tardio do processo de construção da sociedade humana – suas primeiras formas surgem quando a comunidade primitiva se desintegrou. Quando até a força de trabalho se converte em mercadoria, mercantiliza-se o conjunto das relações sociais e se estrutura o padrão burguês de dominação.

Tal processo de transformação atinge seu apogeu com a sociedade do capital. Contemporaneamente, a implementação do capital, cujos objetivos são compensar a queda da taxa de lucro e criar condições renovadas para a exploração da força do trabalho, faz com que os ônus recaiam fortemente sobre o trabalhador - redução salarial, precarização do emprego e etc. e sobre as relações sociais.

O filme “Filhos do Paraíso” deixa clara a dinâmica da influência capitalista no cotidiano das pessoas e na mercantilização das relações sociais como forma de dominação, que exceção escraviza o ser humano, tornando-o “objeto”.

A reificação é a forma típica da alienação engendrada no modo de capitalização e também apresentada na trama do filme “Filhos do Paraíso”. O fetichismo daquela mercadoria especial, o “sapato feminino infantil”, é, talvez, a expressão mais flagrante de como as relações são deslocadas.

No modo de produção capitalista o fetichismo alcança a sua máxima força: nas sociedades em que esse modo de produção impera, as relações sociais tomam aparência de relações entre coisas.

BIBLIOGRAFIA

BARROCO, Maria Lúcia Silva. *Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2001.

BOBBIO et al. *Dicionário de política*. 5. ed. Brasília-DF: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

CATANI, Afrânio Mendes. *O que é capitalismo*. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DOBB, Maurice. *Capitalismo*. São Paulo: Ática, 1977.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MARCUSE, Jorge. *Manual de Direito Constitucional*. Tomo I. 3.ed. Coimbra-Portugal: Coimbra Editora, 2000.

MARX, K. *O Capital*. Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, t. I e II; 1970 t. III; 1974, t. IV-VI.. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2006.

SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL: Reprodução social, trabalho e Serviço Social- CFESS-ABEPSS- CEAD- UNB.

SWEEZY, M. Paul. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VÁZQUEZ. S. Adolfo. *Ética*. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1989.

Ficha Técnica do filme “Filhos do Paraíso”

Título Original: Bacheha-Ye aseman, Gênero: Drama, 1997, Estúdio: The Institute for the Intellectual Development of Children & Young Adults, Distribuição: Buena Vista International / Miramax Films.

Direção e Roteiro: Majid Majidi, Produção: Amir Esfandiari e Mohammad Esfandiari, Direção de Fotografia: Parvi.